

USO DE FILMES PARA ENSINO DE GESTÃO: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA

USE OF MOVIES FOR TEACHING MANAGEMENT: A METHODOLOGICAL PROPOSAL

Bruno Brettas Franco*
Júlio Cesar Andrade de Abreu
Gustavo da Silva Motta
Ana Clara Reis

Submissão em 17/01/2017; Revisões requeridas em 22/05/2017; Aprovação em 20/06/2017

RESUMO

O cinema constitui uma linguagem de formação. Entretanto, não raras vezes, seu consumo é passivo e superficial, privilegiando aspectos emocionais e subutilizando seu potencial como linguagem de conhecimento. Como suporte efetivo do conhecimento, o uso de filmes pode ser utilizado como recurso didático que proporcione a construção de novos conhecimentos. Porém, uma leitura mais reflexiva exige um procedimento que leve em consideração sua linguagem específica, desconstruindo-o, reorganizando-o e atribuindo significados antes não percebidos. Desta forma, torna-se necessário a inserção de uma proposta metodológica de análise fílmica e utilização de filmes como prática de ensino-aprendizagem de gestão.

PALAVRAS-CHAVE

Filmes, análise fílmica, recurso didático, ensino de gestão, proposta metodológica.

ABSTRACT

Cinema is a language of formation. However, not infrequently, its consumption is passive and superficial, privileging emotional aspects and underutilizing its potential as a language of knowledge. As effective knowledge support, the use of films can be used as didactic resource that provides the construction of new knowledge. However, a more reflexive reading requires a procedure that takes into account its specific language, deconstructing it, reorganizing it, and assigning meanings previously unperceived. Thus, it is necessary to insert a methodological proposal of film analysis and use of films as a teaching-learning management practice.

KEYWORDS

Films, film analysis, didactic resource, management teaching, methodological proposal.

1. INTRODUÇÃO

A linguagem fílmica é uma das expressões visuais mais significativas da cultura contemporânea, servindo há mais de cem anos tanto para o entretenimento quanto para a difusão de ideias, emoções e expressões mais elaboradas. Anteriormente restrita à exibição nas salas de cinema, a produção de filmes tornou-se ainda mais importante com o surgimento da televisão, do vídeo e da multimídia.

Segundo Bernardet (2000), pode-se compreender o cinema como um processo de seleção de imagens organizadas e projetadas em sequência, de forma a passar a impressão de movimento e, que envolve vários elementos, tais como, plateia, investimento, publicidade, exibição, censura, adaptação, comércio e controle.

Pelo seu poder de difusão ideológica o cinema sempre foi utilizado para tratar temáticas científicas, filosóficas, religiosas, históricas, além de aspectos culturais e do cotidiano. Desta forma, mais do que um objeto estético com especificidades próprias, o cinema constitui uma linguagem de formação. Entretanto, não raras vezes, seu consumo é passivo e superficial, privilegiando aspectos emocionais e subutilizando seu potencial como linguagem de conhecimento.

Como suporte efetivo do conhecimento, o filme pode ser utilizado como recurso para uma análise mais profunda, reflexiva e crítica de temáticas importantes para a modificação de valores dos sujeitos sobre si e sua relação com o ambiente social do qual faz parte.

Recentemente, a utilização de filmes como recurso didático, segundo Napolitano (2009), tem ajudado à escola a reencontrar a cultura. Muitos autores, tais como Morettin (1995), Azzi (1996), Almeida (2001) e Napolitano (2003) defendem a utilização dos filmes em sala de aula. De acordo com Leite e Leite (2010), a linguagem cinematográfica faz com que os espectadores se sintam coparticipantes do que lhes é mostrado no filme, ou seja, é como se os espectadores estivessem vivenciando a história do filme, tornando o conhecimento explicitado a ele, conhecimento implícito a si próprio.

A área de gestão também voltou sua atenção à investigação da utilização de filmes para o ensino e aprendizagem de seus conteúdos. Para Valença & Associados (1999):

O principal benefício de usar filmes comerciais para trabalhar os conceitos ligados às teorias de comportamento e às propostas de aprendizagem organizacional repousa no fato dessa escolha produzir menos defensividade nos aprendizes, em comparação com a hipótese de usar técnicas de simulações e vivências laboratoriais que envolvam diretamente esses aprendizes (p. 9).

Valença & Associados (1999) e Leite e Leite (2007), complementam-se e apontam para os benefícios da utilização dos filmes em sala de aula, visto que isso deixa o aluno/espectador mais propenso a receber novos conteúdos didáticos, se comparados a outros métodos de ensino e ainda pode proporcionar algum nível de inquietação e inspiração, incentivando-o a buscar novos conhecimentos relacionados a determinados assuntos abordados no filme exibido.

Entretanto, assistir a filmes compreende uma multiplicidade de olhares integrados por meio da perspectiva de que, tão importante quanto sua apreciação é a sua leitura. Esta leitura exige um procedimento que leve em consideração sua linguagem específica, desconstruindo-o, reorganizando-o e atribuindo significados antes não percebidos. Já este procedimento requer a aproximação de um conjunto de conhecimentos complexos e abrangentes sobre diferentes abordagens analíticas. Sendo assim, objetivou-se a elaboração de uma metodologia de análise fílmica para utilização como recurso didático.

O estudo está organizado em 3 partes: A primeira refere-se a fundamentação teórica dos métodos em análise fílmica; a segunda parte do estudo discorre sobre a fundamentação teórica do uso do cinema em sala de aula; e já a terceira, apresenta a metodologia de análise fílmica e modelo de aplicação em sala de aula sugerido por nós.

2. A QUESTÃO DO MÉTODO EM ANÁLISE FÍLMICA

No livro *Ensaio Sobre Análise Fílmica*, Vanoye e Goliot-Lété (1992) apresentam os elementos que compõem o processo de análise fílmica. Segundo os autores, analisar um filme é desconstruí-lo em seus elementos constitutivos através de um distanciamento do analista. O processo de desconstrução do filme corresponde à descrição do mesmo.

Após a desconstrução, deve-se estabelecer conexões entre os elementos encontrados, isto é, compreender como estes elementos se relacionam, ou seja, reconstruir o filme. A reconstrução corresponde à interpretação do filme. Vale ressaltar que essa reconstrução apresenta limitações, desta forma, não se pode construir um novo filme. Portanto, deve-se respeitar a legitimação do filme. Para os autores é importante que o filme seja o ponto de partida e de chegada da análise.

Para Vanoye e Goliot-Lété (1992), a análise fílmica é um processo complexo ligado diretamente a um profissional com conhecimentos da linguagem cinematográfica, e não a um “espectador normal” (p. 13) que busca o filme como uma forma de entretenimento. Desta forma, os autores acreditam que o desafio da análise “talvez seja reforçar o deslumbramento do espectador, quando merece ficar maravilhado, mas tornando-o um deslumbramento participante” (*Id. Ibid.* p. 13).

O primeiro contato com o filme remete a impressões, emoções e intuições, essas muitas vezes dizem mais do espectador do que do filme, mas estas impressões iniciais denominadas pelo autor como “material bruto”, não devem ser suprimidas, já que refletem diretamente a relação entre o filme e espectador. Mas, é importante que as bases do filme permaneçam, ou seja, não se deve alterar suas significações iniciais. Sobre o processo analítico:

Não é possível conduzir, elaborar, uma análise de filme apenas com base nas primeiras impressões. Mas seria errado separar radicalmente o produto da atividade de espectador “comum”. A bem dizer, esse material bruto, resultante de um contato espontâneo, ou, pelo mesmo, menos controlado, com o filme, pode constituir um fundo de hipótese sobre a

obra. Essas hipóteses deverão, é claro, ser averiguadas concretamente por um verdadeiro processo de análise.” (Vanoye e Goliot-Lété 1992, p.13)

Como vimos, o primeiro contato com o filme fornece impressões iniciais que atuam como base para construção e desenvolvimento da análise do filme.

Outra metodologia de análise fílmica que merece destaque em nossa análise é A Poética do Filme desenvolvida por Wilson Gomes (2004 *apud* Esteves 2009) onde a poética do filme é um método de compreensão que busca identificar e analisar os artifícios usados em obra cinematográfica que causam determinados efeitos no espectador. Para isso, o método em questão “supõe que uma obra fílmica está composta de basicamente três dimensões: efeitos, estratégias e recursos” (Esteves 2009, p. 11), assim, esses devem desconstruí-los na análise para que os elementos que causam algum efeito no espectador sejam identificados. Para Esteves (2009), a metodologia proposta por Gomes (2004) consiste em um “método através do qual o analista pode identificar, separar e relacionar os efeitos produzidos na obra e compreender de que forma eles são postos estrategicamente no filme.” (p. 10).

Segundo Gomes (2004), a atividade de interpretação e análise de filmes aparece como ofício que pode ser realizado por muitos, de muitos modos e através dos mais variados meios. Assim, qualquer texto que fale de filmes e do que neles está contido, pode ser considerado análise fílmica. Para Vanoye e Goliot-Lété (1994) o texto, resultado da atividade de análise fílmica, é um dos seus significados já que a própria atividade de analisar pode se constituir em outro possível.

Entretanto, conforme Gomes (2004), em uma forma como noutra não se consegue, em geral, identificar uma disciplina metódica que conduza o trabalho analítico e, ao mesmo tempo, seja capaz de prescrever pelo menos o que deveria necessariamente ser notado e examinado, sob que formas ou capacidades e com que cuidados. Cada analista vê o que pode ou quer e, pelo menos em princípio, poderia expor de uma coisa diferente do que faria um outro analista, segundo a ordem que lhe agrada e com a ênfase que deseje.

Defendendo a análise fílmica como um processo tão artístico como acadêmico, embora aceitando que questões sobre um método para a compreensão de filmes estão autorizadas e são desejáveis, Gomes (2004) considera que:

Tais questões não podem consistir no problema da construção de um conhecimento certo que possa satisfazer ao ideal metodológico da ciência em termos de verificabilidade dos dados da descoberta, de recondutibilidade da proposição em que se expressa o conhecimento verdadeiro à base empírica que a autoriza e legitima ou de replicabilidade do experimento ou do raciocínio de onde resultou a proposição verdadeira sobre o objeto (p. 4).

Assim, percebemos que a proposta de se realizar um procedimento de análise fílmica, não deve ser confundido com a identificação de uma verdade única sobre uma determinada obra, mas sim com o lançar de um olhar específico a certos aspectos que interessam ao analista. Desta forma, Vanoye e Goliot-Lété (1994) afirmam que a atividade analítica consiste, basicamente, de duas fases: a decomposição da obra e recomposição, de acordo com os interesses do analista, obviamente, com o cuidado para não descharacterizar a obra original.

Victor Melo (2002, p.3), em seu estudo que relaciona lazer e análise fílmica, propõe um intermédio entre as categorias de “espectador normal” e “espectador analista” descritas por Vanoye e Goliot-Lété (1992). Segundo Melo (2002, p.101), as características do espectador “crítico” se formam a partir do diálogo entre o espectador normal e o analista. Sendo assim, o espectador crítico não consegue se afastar dos elementos instintivos. Ele não examina o filme tecnicamente como um profissional, mas utiliza alguns elementos fílmicos para compreensão mais crítica do filme. Como ressalta Melo (2002, p. 4) “O espectador crítico não somente se identifica com o filme, mas mantém uma postura de equilíbrio entre identificação e distanciamento, fundamental para desenvolver seus pontos de vista, suas opiniões mais aprofundadas.”

Com a elaboração do espectador crítico, ele propõe que o ato de assistir o filme como forma se lazer também se constitua enquanto uma atitude de reflexão intelectual. Para ele,

os limites entre a análise profissional e a análise enquanto dimensão importante para potencializar o aproveitamento do momento de lazer. Não se trata de, enquanto animadores culturais, formar especialistas em crítica cinematográfica, mas sim educar nosso público para que torne ativa sua prática de espectador, sem que isso signifique a perda da característica central de prazer com a atividade, antes o contrário: entender que a capacidade

de crítica é fundamental para potencializar a escolha e o prazer de vivência da atividade assistida (Melo, 2002, p. 8).

Conforme Melo (2002), a análise fílmica é uma atividade técnica, porém seus parâmetros podem ser incorporados para o processo de formação de espectadores críticos. Ele afirma que:

O primeiro parâmetro é aparentemente óbvio: ninguém pode desenvolver o gosto cinematográfico se não assistir filmes. Trata-se de aceitar o desafio de incorporar o cinema entre as estratégias de animação cultural, procurando apresentar uma diversidade de linguagens que possa contrastar com o que é constantemente propagado de forma limitada pela indústria cultural/meios de comunicação. Um segundo parâmetro é o recuperar da tradição cineclubista de promoção de discussões após a exibição do filme, oportunizando e estimulando o público a expor seus pontos de vista acerca do assistido. Também é interessante que paulatinamente possamos ir apresentando os principais elementos de composição de um filme (Melo, 2002, p. 6).

Desta forma, o que desejamos é aproximar nossos espectadores do sugerido por Melo, o espectador crítico. Ao propor a utilização de filmes como recurso didático não queremos formar profissionais em crítica cinematográfica e nem que o cinema perca seu caráter de entretenimento. O que propomos é que nossos espectadores consigam realizar uma leitura mais profunda e reflexiva das obras cinematográficas, sendo capazes de promover análises do filme, relacionando este com questões pertinentes aos conteúdos específicos da disciplina.

3. O CINEMA E SEU USO EM SALA DE AULA

De acordo com Napolitano (2009), o surgimento do cinema se deu em dezembro de 1895, quando os irmãos Louis e Auguste Lumière exibiram, num café parisiense, os filmes *La Sortiedesouvriers de l'usine Lumière* (A saída dos operários da fábrica Lumière) e *L'Arrivée d'un train en gare* (Chegada de um trem à estação). Passava-se, então, à possibilidade de realizar registros reais da vida cotidiana, com movimento. Somente mais tarde, por volta dos anos 1900, é que o cinema passou a ser utilizado como uma expressão artística, com a utilização de atores, cenários e efeitos especiais para se contar histórias, além do registro de imagens cotidianas, com pioneiros como Georges Méliès, James Williamson, George Smith, Charles Pathé e Louis Galmont.

Apesar do pioneirismo francês, tanto no cinema industrial quanto artístico, segundo Napolitano (2009), são os EUA que no final da década de 1910 despontavam como grande polo de produção cinematográfica mundial, que perdura até os dias atuais. Ao longo dos anos 1920, começaram a surgir, neste país, os grandes estúdios de cinema, como Hollywood, na Califórnia, cujo clima favorecia a filmagem durante todo o ano. Mas a produção cinematográfica não ficou restrita aos EUA, apesar de sua hegemonia. Países como Alemanha, França, União Soviética, Inglaterra, Itália e Suécia, também demonstraram elevado vigor, em determinados períodos, principalmente no pós-guerra. Na América Latina, México e Argentina apresentaram sua produção para o mundo entre as décadas de 1930 e 1950. No Brasil, houve uma primeira iniciativa, ainda tímida, na década de 1950 com as chanchadas, mas seu auge foi alcançado na década de 1960, com a primeira grande escola cinematográfica do terceiro mundo reconhecida pela crítica mundial: o Cinema Novo.

Todo este retrospecto histórico é importante para destacar a importância da linguagem fílmica para a cultura contemporânea, servindo, há mais de cem anos, tanto para o entretenimento, quanto para a difusão de idéias, emoções e expressões mais elaboradas.

Diversos são os autores que defendem a utilização de filmes como recursos didáticos (Almeida, 2001; Azzi, 1996; Belloni, 2001; Castilho, 2003; Davel, Vergara, & Ghadiri, 2007; Falcão & Bruzzo, 1993; Mocellin, 2002; Morettin, 1995; Napolitano, 2009). De acordo com Belloni (2001), tal utilização está inserida num campo de atuação pedagógica. Para a autora, o cinema é, enquanto indústria cultural, uma forma de mídia moderna, voltada, cada vez mais para um espectador formado pelas novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), ao menos nas suas expressões mais populares. No caso específico do cinema, além de constituir o complexo da comunicação e da cultura de massa, ele faz parte da indústria do lazer e constitui ainda, obra de arte coletiva e tecnicamente sofisticada, o que implica na necessidade de um processo elaborado, ao se optar pela exibição de filmes como um suporte efetivo do conhecimento. A simples exibição, não justificaria seu uso como recurso didático. É preciso propor leituras

mais ambiciosas, incentivando o sujeito a se tornar um espectador mais crítico e exigente, capaz de refletir sobre a linguagem fílmica e os conteúdos temáticos importantes para a modificação de valores sobre si e sua relação com o ambiente social do qual faz parte.

Assim, utilizar o cinema como suporte à educação “é importante porque traz para a escola aquilo que ela se nega a ser e que poderia transformá-la em algo vívido e fundamental: participante ativa da cultura e não repetidora e divulgadora de conhecimentos massificados, muitas vezes deteriorados, defasados” (Almeida, 2001, p. 48).

Para Bernardet (2000) um filme deverá possuir, qualidades que motivem o espectador a escolher este filme sem antes conhecê-lo. Trazendo essa afirmação para o cinema em sala de aula, nota-se que o professor deve identificar as qualidades no filme que irão motivar o espectador, seus alunos.

Cocteau (1968, p. 76) deixa claro que “O perigo com os filmes é que nós nos acostumamos a vê-los sem lhes prestarmos a mesma atenção que prestaríamos a uma peça ou livro.” Fleury e Sarsur (2006, p.7) reforçam a teoria de Cocteau (1968), e deixam claro que assistir a um filme com “olhar de pesquisador” não é algo fácil, pois é necessário “interpretar e estabelecer analogias coerentes e sustentadas entre a teoria, a narrativa e a realidade que se pretende investigar”; para tanto, deve-se estabelecer um roteiro a ser seguido para que possa ser facilitado o desenvolvimento do “olhar do pesquisador” por parte dos alunos/espectadores.

Segundo Napolitano (2009), é necessário criar um planejamento para a exibição do filme em sala de aula para os alunos/espectadores, essas etapas estão sintetizadas na Tabela1.

Tabela 1: Etapas para a Utilização do Filme em Sala de Aula

Fase1 – Planejamento	
Etapas	Descrição
Verificar o escopo da disciplina	Procure exibir filmes dentro do planejamento geral do seu curso, articulando-os com os conteúdos e conceitos trabalhados, bem como as atividades e competências desejadas.
Selecionar filmes	Selecione uma sequência de filmes a serem trabalhados ao longo do ano, seja sistemático e coerente, e isso implica que os filmes articulados entre si.
Pesquisar sobre os filmes selecionados	Antes de trabalhar com o filme em sala de aula, procure algumas informações básicas, tais como, história do cinema, linguagem cinematográfica e os principais estilos, escolas cinematográficas e algumas curiosidades gerais sobre a história e produção do filme escolhido.
Preferência dos Alunos/espectadores	Procure conhecer a cultura cinematográfica da classe, levando em conta a faixa-etária dos alunos, quais os hábitos de consumo entre outros.
Fase 2 – Analisando o filme	
Etapas	Descrição
Início	Não inicie o trabalho de análise com a exibição do filme em classe, é mais produtivo os alunos assistirem o filme fora de sala de aula. Divida os alunos em grupos de trabalhos e solicite como tarefa e atividade de estudo, a assistência do filme selecionado, sistematizando-a na forma de relatório escrito a partir de um roteiro preparado pelo professor.
Forneça um roteiro de análise	Forneça um roteiro de análise para os alunos, isso não se trata de limitar a criatividade ou desestimular as várias leituras possíveis pelos espectadores. A parte informativa do roteiro de análise deve conter ao menos os seguintes elementos: ficha técnica, gênero e tema central, sinopse da história, lista dos personagens principais, suas características e funções dramáticas.
Selecione material de apoio	Selecione, se for preciso, textos de apoio, tais como, entrevistas com o diretor e atores, críticas publicadas em jornais e etc.
Discussão dirigida	Forme grupos de discussões com base nos relatórios feitos pelos alunos depois de terem assistido e assimilado o filme. E o professor deve comentar e problematizar o filme sob uma ótica interdisciplinar.
Discussão grupal	Organize uma síntese da discussão grupal, relacionando-a com o conteúdo do trabalho, valorizando as diferenças de opinião e as várias formas de assimilação do filme. Esta síntese não deve ter um caráter conclusivo e definitivo.

Nota. Fonte: adaptado de Mendonça, J. R. C., & Guimarães, F. P. (2007, novembro).

A tabela 1 mostra como se pode planejar e aplicar um filme e sala de aula a partir da mescla das teorias citadas e das proposições dos autores.

Recentemente, a área de gestão voltou sua atenção à investigação da utilização de filmes para o ensino e aprendizagem de seus conteúdos. Castilho (2003) e Brandão (2004) analisaram dezenas de

filmes que podem ser utilizados em treinamento e desenvolvimento através da indicação, crítica e comentários, abordando temas vividos no cotidiano das organizações e de seus profissionais. Segundo Barbosa e Teixeira (2007), apesar de seu enfoque ser direcionado ao uso desses filmes por profissionais de Recursos Humanos, muitos filmes também são utilizados por professores do curso de Administração, para estimular discussões nos mais diversos temas.

Tais iniciativas são fundadas, como nos alerta Davel, Vergara e Ghadiri (2007), na capacidade da experiência estética em fornecer sentido da vida, por mobilizar o contexto de significados e valores, a partir dos quais o sujeito foi aculturado.

Rezende e Araújo (2012), se utilizam de um filme de ficção científica, para as disciplinas de “Teoria das Organizações” e “Teoria da Administração” segundo os autores:

No filme pode-se associar a idéia do indivíduo como sendo uma espécie de pilha que alimenta as organizações. O ser humano é o principal elemento da organização. O humano é quem realmente “alimenta” o funcionamento da empresa. Ao mesmo tempo que é enfatizado esse tipo de perspectiva há neste aspecto algo passível de crítica ao passo que se observa uma ótica utilitarista do ser humano. Será que as organizações existem apenas para “sugar” as energias de seus funcionários? Tal perspectiva se assemelha muito ao enfoque taylorista que observa os funcionários comuns como responsáveis apenas pelo trabalho não-intelectual, cabendo aos gestores a capacidade de pensar as soluções e estratégias organizacionais (Rezende e Araújo 2012, p7).

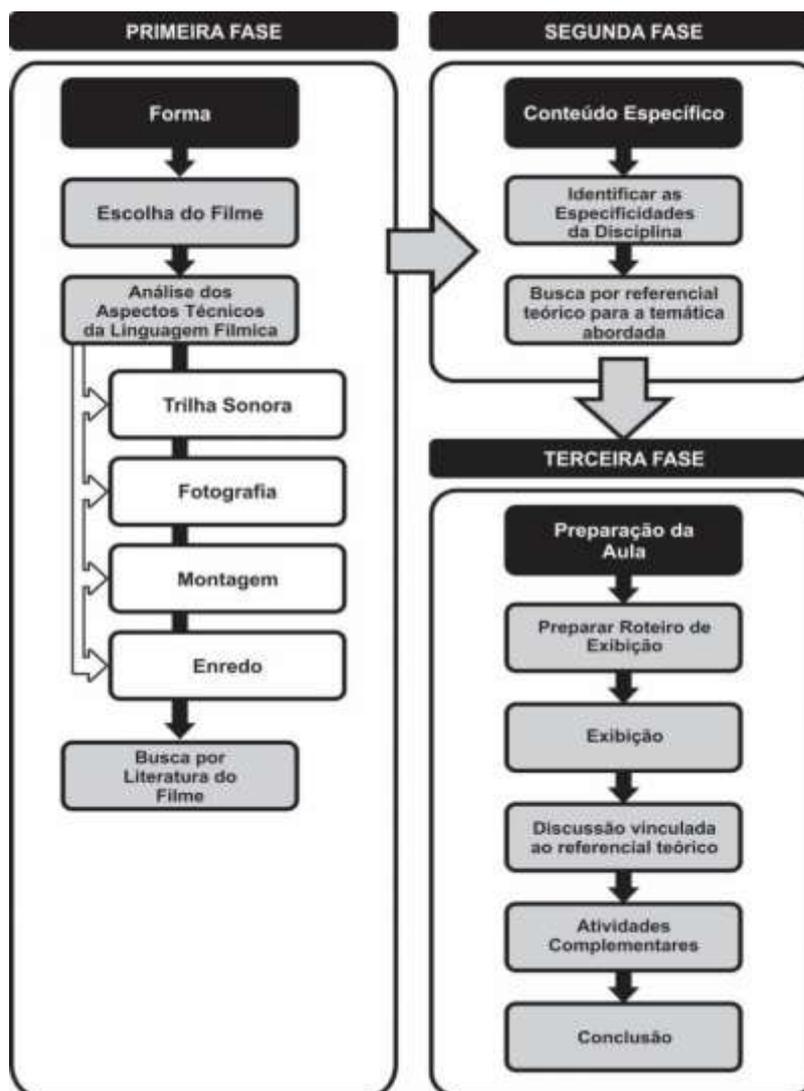
Assim, concordando com Davel *et al.* (2007), concluímos que arte e ensino-aprendizagem representam uma relação fecunda para revitalizar a administração.

4. METODOLOGIA: MODELO DE APLICAÇÃO SUGERIDO

4.1 Metodologia de análise fílmica para utilização como recurso didático

A metodologia sugerida por nós voltada para análise fílmica e a utilização do filme como recurso didático consiste em três momentos: forma, conteúdo e preparação da aula. O primeiro momento compreende a leitura da obra cinematográfica levando em consideração sua linguagem específica. O segundo consiste em promover uma análise do filme, relacionando este com os conceitos da gestão e o planejamento do uso do filme em sala de aula como uma ferramenta didática auxiliar.

Figura 1. Metodologia empregada



4.1.1 Primeira fase: forma - analisar o filme segundo a linguagem fílmica

O mediador deve realizar uma análise prévia do filme escolhido buscando identificar e compreender os elementos que constituem a linguagem cinematográfica. Este momento constitui a análise da obra cinematográfica levando em consideração sua linguagem específica.

É necessário primeiramente desconstruí-lo, isto é, descrevê-lo observando e percebendo aspectos técnicos, principalmente trilha sonora, fotografia, montagem e enredo. O processo de desconstrução requer atenção e paciência, já que os elementos técnicos não são observados em único contato com a obra cinematográfica, assim é necessário que o filme seja revisto várias vezes. Os elementos observados são carregados de significados e apresentam a ideia do diretor. Depois de descrever é necessário reorganizá-lo, ou seja, interpretar os pontos destacados na etapa anterior e atribuir novos significados antes não percebidos. Os elementos técnicos fundamentais que devem ser analisados são:

Trilha sonora: Composta pela parte musical (músicas), efeitos e ruídos. A trilha sonora é um elemento essencial na análise fílmica, já que pode causar efeitos emocionais nos espectadores. Ao analisar o filme o professor deve sempre se questionar sobre a trilha sonora e refletir sobre a intenção do autor ao colocar determinado som, ruído, música ou efeito sonoro. O mesmo exercício precisa ser realizado em sala de aula junto aos alunos, o mediador necessita sempre provocar e questionar seus alunos da intenção dos recursos sonoros utilizados no filme e que reações esses recursos podem causar nos espectadores.

Fotografia: Inclui as cores e os tons da imagem, contrastes (luz e sombra) e efeitos de iluminação. Um filme pode ser pouco iluminado, luminoso, preto-e-branco ou colorido. A fotografia é responsável

pela qualidade da textura imagem. As cores e textura de um filme conseguem provocar sentimentos e reações nos espectadores.

As cores, aplicadas nas cenas durante uma sequência fílmica, conseguem transferir os conceitos por intermédio de como e onde são aplicadas, minimizando alguns aspectos e evidenciando outros. Considera-se uma cor dominante, que evidencie objetos, figurinos, cenários e ações, em uma imagem, quando sua intensidade é maior que a das outras cores, mas isso independe da área na qual ela ocupe na composição. As cores são utilizadas com determinadas pretensões, de acordo com a maneira e onde são inseridas e ainda pela manipulação de suas características, como a classificação em cores quentes ou frias. (Perreira & Ferreira, 2011, p. 6)

Um filme que deseja passar um aspecto de tristeza recorre ao uso da cor azul em sua fotografia. Ao passo que utilização de tons avermelhados pode apresentar ao público uma ideia de sensualidade, já no filme Noir, por exemplo, geralmente preto e branco com um bastante contraste para relatar um mundo cínico e antipático. São consideradas cores quentes amarelo e vermelho, e cores frias azul e verde.

Montagem: No dia-a-dia, nós estamos sempre editando o que vemos. Cinema é a arte que domina o tempo e movimento. Na elaboração de um filme temos primeiramente um material e depois a organização desse material através de método, este conhecido como montagem. A montagem corresponde a organização das partes através de um sentido coerente, isto é, ela define o ritmo e andamento do filme. A montagem é um processo de pós-produção, este processo é realizado de acordo com a intenção e perspectivas que o diretor deseja passar. Como no filme *Janela Indiscreta* de Alfred Hitchcock, o controle do tempo provoca tensão no espectador. Desta forma, ao analisar um filme é necessário compreender o sentido que foi criado e atribuído para narrativa em questão.

Enredo: Compreende a estrutura da narrativa. Ao analisar um filme podemos recorrer a transcrição das falas dos personagens e descrição dos acontecimentos para compreendermos o efeito emocional que determinada cena pretende alcançar em quem está assistindo. O espectador vê os acontecimentos através do olhar da personagem.

4.1.2 Segunda fase: conteúdo - analisar o filme a partir de conteúdos específicos

Após identificar os elementos constitutivos da linguagem fílmica, é necessário promover uma análise do filme com conteúdos específicos da disciplina. Devemos recorrer a materiais de apoio que façam referências ao filme (entrevistas, reportagens, críticas) e ao conteúdo abordado (bibliografias, artigos, teses, etc).

4.1.3 Terceira fase: preparação da aula

Preparar a aula antecipadamente, assistindo ao filme e selecionando as partes que devem ser exibidas, caso não haja possibilidade de exibi-lo por completo. Preparar um roteiro que conduza a observação do filme, por parte do espectador.

4.1.4 Exibição e discussão

Apresentação e exibição: anterior à projeção, o mediador responsável deve informar os dados referenciais do filme. Além disso, o professor poderá recuperar pontos abordados na disciplina antes que a exibição ocorra, neste momento o professor pode recorrer ao roteiro de observação mencionado na etapa **Preparação da aula**, de forma que os espectadores sejam conduzidos em sua observação. O ideal é que o professor apenas indique os principais pontos abordados na disciplina deixando a cargo do espectador estabelecer conexões com o filme durante a exibição.

A critério, poderá fazer observações durante ou ao término da exibição. É importante que justifique o uso do filme e que fique atento às reações do grupo durante a exibição. Após a exibição algumas cenas poderão ser reprisadas para que o grupo reveja determinados aspectos antes não observados ou elementos gerais como ações, diálogos, efeitos, expressões, sons, entre outros. Tal procedimento permite que os espectadores sofram um processo reeducação e assimilem um novo modo de assistir filmes. É necessário que o mediador oriente os espectadores na percepção dos elementos que constituem a linguagem fílmica. Vale ressaltar que compreender a linguagem cinematográfica requer treinamento.

Permitir a discussão aberta: o mediador responsável poderá questionar o grupo sobre o que viu e deixar que o grupo apresente suas observações. Adicionalmente, poderá sugerir leituras complementares, outros filmes sobre a mesma temática, sites de pesquisa ou desenvolver outras atividades que julgue apropriada à proposta.

Após o debate realizar uma síntese dos elementos apreendidos do filme e da discussão realizada, indicando os objetivos da atividade e o que foi alcançado.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A metodologia proposta foi utilizada nas disciplinas de Fundamentos de Administração pública, no curso de Administração pública e nas de Marketing do curso de Administração ambos da Universidade Federal Fluminense (UFF). O uso foi considerado satisfatório, devido aos desempenhos acadêmicos atingidos pelos discentes. Com destaque para os alunos de marketing cujo o produto de uso da metodologia foram artigos que fundiram os conceitos básicos da disciplina com filmes e séries de interesse dos alunos. Um número, significativos de alunos publicou seus artigos em eventos.

Esse artigo se propõe com sua metodologia principalmente desenvolver novos métodos de abordagem para interesse e desenvolvimento dos alunos, com adaptações pode ser aplicado em outras disciplinas ou cursos de graduação.

REFERÊNCIAS

- Almeida, M. J. (2001). *Imagens e sons: a nova cultura oral*. São Paulo: Cortez.
- Azzi, R. (1996). *Cinema e educação: orientação pedagógica e cultural de vídeos*. São Paulo: Paulinas.
- BAËTA, A. M.C. Filmes no ensino e aprendizagem de questões éticas na administração pública.
- Barbosa, A. R., & Teixeira, L. R. (2007, novembro). A utilização de filmes no ensino de administração. *Anais do Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade*, Recife, PE, Brasil, 1.
- Belloni, M. L. (2001). *O que é mídia educação*. São Paulo: Editora Autores Associados.
- Bernardet, J.-C. (2000). *O que é cinema?*. São Paulo: Brasiliense.
- Brandão, Helena, H. Nagamine. "Introdução à Análise do Discurso", Campinas, SP: Editora da Unicamp, Ed. 2004
- Castilho, A. (Org.). (2003). *Filmes para ver e aprender*. Rio de Janeiro: Qualitymark.
- Cocteau, Jean. Dois roteiros: O Sangue do poeta e O testamento de Orfeu. Orion, 1968, p.76.
- Davel, E., Vergara, S. C., & Ghadiri, D. P. (2007). *Administração com arte: experiências vividas de ensino-aprendizagem*. São Paulo: Atlas.
- Esteves, A. C. de S. (2009, setembro). Autoria e análise fílmica: uma aproximação metodológica. *Anais do Encontro da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração, Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Curitiba, PR, Brasil, 32.
- Falcão, A. R., & Bruzzo, C. (Orgs.). (1993). *Lições com cinema*. São Paulo: FDE.
- Fleury, M. T. L., & Sarsur, A. M. (2006, setembro). O quadro negro como tela: o uso do filme "Nenhum a Menos" como recurso de aprendizagem em gestão por competências. *Anais do Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração*, Salvador, BA, Brasil, 30.
- Gomes, W. (2004). La poética del cine y la cuestión del método em el análisis fílmico. *Significação - Revista de Cultura Audiovisual*, 31(21), 85-105. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-7114.sig.2004.65584>
- Leite, N. R. P., & Leite, F. P. (2007). Um estudo observacional do filme Denise Está Chamando à luz da Teoria de Ação de Chris Argyris e Donald Schön [Especial]. *Revista de Gestão*, 14, 77-91. <http://dx.doi.org/10.5700/issn.2177-8736.rege.2007.36583>
- Leite, N. R. P., & Leite, F. P. (2010). A linguagem fílmica na formação e no fortalecimento de grupos, equipes e times de trabalho: aplicação do estudo observacional. *Revista de Gestão*, 17(1), 75-97.
- Melo, V. A. (2002). Análise da produção cinematográfica. O Lazer e a animação cultural. *Anais do Seminário Lazer em Debate*, Belo Horizonte, MG, Brasil, 3.
- Mendonça, J. R. C., & Guimarães, F. P. (2007, novembro). Do quadro aos "quadros": o uso de filmes como recurso didático no ensino de administração. *Anais do Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade*, Recife, PE, Brasil, 1.
- Mocellin, R. (2002). *O cinema e o ensino de história*. Curitiba: Nova Didática.
- Morettin, E. V. (1995). Cinema educativo: uma abordagem histórica. *Comunicação & Educação*, (4), 13-19. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v0i4p13-19>

- Napolitano, Marcos. Como usar o cinema na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2003.
- Napolitano, M. (2008). *Como usar o cinema na sala de aula* (4a ed.). São Paulo: Ed. Contexto.
- Napolitano, M. (2009). *Como usar o cinema na sala de aula* (1a ed.). São Paulo: Ed. Contexto.
- Perreira, I. B., & Ferrreira, A. T. (2011). A cor como elemento constitutivo da linguagem e narrativa cinematográfica. *Unoesc & Ciência - ACHS*, 2(1), 17-28.
- Rezende, Júlio F. D.; ARAÚJO, M. A. D. Uso do filme Matrix para o ensino da Administração. *Revista Hólos*, Natal, ano 28, v. 4, p. 216-225, 2012.
- Valença & Associados. (1999). *Brubaker – Um caso em teoria de ação*. Recife: Edições Bagaço.
- Vanoye, F., & Goliot-Lété, A. (1994). *Ensaio sobre a análise fílmica*. Campinas, SP: Papirus.
- WOOD JR., T. A utilização de filme e fotografia na discussão do conceito de liderança. In: